

CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO II

ASSIGNATURAS:
Por mez 500
Pagamento adiantado

Publicação semanal
STA. CATHARINA—Desterro, 16 de Julho de 1888

Escriptorio da Redacção,
á rua do Senado
N. 17

N. 13

CREPUSCULO

Desterro, 16 de Julho

Instrucção popular

VIII

A philosophia é a apropriação das manifestações da natureza: o que é a luz deve ser o nosso espirito, o que é a aurora deve ser o nosso pensamento.

Quando observamos o despontar de um dia bello o sereno; quando vemos o manto caliginoso ceder pouco a pouco á luz que vae aclarando o horisonte, sentimos tamanho prazer, tal estretecimento de alegria, que nos parece que somos levados á uma nova existencia.

A idéa que adquirimos nesse momento solemne, é a de um verdadeiro quadro de luz que não só admira, espanta, convulciona a nossa intelligencia, mas também rasga as trevas da noite, como um grande facho que se accendesse em um templo fechado.

A fonte corre mansa e suave por entre as pedras toscas da montanha — é a poesia do coração, que raras vezes tem os impetos de uma paixão aterradora, que lhe envenena os dias da existencia.

O ensino primario deve ser desde o começo bebido na natureza.

A aurora lhe ensina as côres, mutaveis, contingentes, visionarias. O sol — o espirito; a luz — o pensamento.

A palavra do mestre deve ser, com especialidade, a despertadora de uma curiosidade, que possa ser satisfeita.

O entendimento humano não conhece limites. O menino deve aprender a vagar seu espirito em todas as direcções, procurando a verdade, que é o termo de todas as pesquisas.

Para esse fim deve ter uma idea clara dos objectos, sobre os quaes exercita a sua intelligencia.

Nada de pês, nada de constrangimento, a liberdade é a primeira condição de um progresso real.

Quando um menino pôde lêr, ouvir e fallar com discernimento, quando elle a cada passo interroga sobre a natureza, sobre os objectos que estão ao alcance do seu entendimento, porque

não esclarecer-lhe a memoria, aclarar-lhe o espirito e a intelligencia?

Acaso ha alguma cousa vedada á luz do pensamento?

Não está ahi todo o universo que é uma pequena imagem do homem?

A sociedade nada tem que ver com decretos de além—tumulo, uma vez que se harmonise com os verdadeiros principios da moral e da justiça.

E' um grande mal prender-se logo cedo o pensamento do menino ás abstracções de uma philosophia, que em cada tempo, em cada epoca, tem tido diversas interpretações.

O bello da moral e do raciocinio se harmonisa muito bem sem abstracções impossiveis.

Prenda-se o pensamento ao dever, á luz que irradia de todos os pontos da humanidade, o mundo social será um theatro de glorias immortaes.

Pela electricidade

Nem uma leve sombra alarma a tranquillidade azul do céu!

Tudo é harmonia na habitação illuminada do prodigioso Redemptor da humanidade!

Os passaros, ainda implumes, erguem no ninho macio e aromatico os tenros biquinhos ás doces caricias dos seres progenitores, que os ventos embalam e Deus endoیرهce!

Melodiosas saudações os confundem, emquanto que a natureza, ostentando um riso reprehensivelmente triste, pronuncia cingar-se de amarellada côr, gelar-se, desfazer-se na violenta assuada do temporal que se avoluma, lá, ao longe.

As nuvens, aquellas nuvens côr de rosa que ha pouco no céu florescia em candida e alegre harmonia, entregaram-se, inscientes, ás settas da procella, vibradas do sul; e o colorido que as esposava, afundando-se em inopi-

nada tristeza, saudades, muitas saudades, no céu espalharam!

Os castellos doirados do dia, içaram bandeiras de guerra.

O temporal ganha terreno!

A natureza movimenta-se toda, e, arrufada, atira ao chão as flôres do crepusculo.

A noite assume as revoltas alturas, esterilisa-se n'aquelle estupendo espectáculo!

LUIZ NEVES.

12 de Julho 88.

Contos originaes

III

A noite linda e melancholica, semeando perolas desde a relva mimosa até aos pincares mais elevados das montanhas, vestia no desmaiado horisonte, a acinzentada veste recamada de brilhantes, apresentando na aldeia um aspecto imponente que orgulhava-a; e a lua, qual globo de crystal repleto das puras essencias da tarde que os halitos da brisa bafejam no infinito, suspensa no diaphano manto azul e embalando-se em flôcos de prata na amplidão do firmamento, pousava sobre os aljofares da noite, que cahiam na gramma odorifera, scintillantes reflexos, que, volvendo-se pelas ramas verdejantes das frondosas arvores, desenrolavam longas faixas de prata que, tremulas, se estendiam nos longinquos caminhos da solidão.

Os zephiros inconstantes, em doces enredos, suspirando entre os bosquesinhos de arbustos, balbuciavam amor, brincando nas veigas pallidas dos laranjaes floridos; adejavam travessos pelos vergeis embalsamados d'aldeia; e, agitando vida e fragancia nos ribeiros sonoros, fugiam suavemente, e cheios de perfumes perdiam-se no infinito, como o sonho de uma virgem colorido das mais risonhas e doiradas phantasias.

A aldeia, como uma deusa magestosa, revestida das deslumbrantes galas da natureza, repousava no regaço si-

lencioso da noite, e os gemidos mal distinctos que pareciam voar do seu largo seio, eram apenas o respirar da aragem fagueira acompanhado do zunir dos insectos que rompiam o espaço; e enquanto o povo, suspirando lentamente, descança tranquillo, abrigado sob os tectos das humildes choupanhas, lá fóra, n'um lugar um pouco mais elevado d'aldeia, opprimidos sob o peso das recordações tristonhas do passado, que lhes arraigaram no amago dos corações as mais negras e dolorosas saudades, dois infelizes—Simeão e Alzira, com as faces rorejadas das frias lagrimas do desanimo completo, atirados ante as grades que cercam a mansão final, expostos ao sussurrar dos ventos gelados que lhes bafejam as pallidas frentes, dormem o somno benéfico que lhes enviára Deus, compadecido de suas enormes angustias.

Onze horas soam, e aquellas humildes creaturas, enlevadas na pureza dos sentimentos em que se immergiam suas almas n'um effluvio de fé, desfolhando as crenças da vida na torrente negra da dôr, e esquecidos da cabana, dormem profundamente ante um cemiterio!

Acima de suas cabeças, sobre esguios cyprestes, semelhando uma nuvem negra de procella, um côro de nocturnas aves, como os gemidos dos ventos tranzidos nos galhos dos arvoredos, entôa um cantico tristonho, estridente e nervoso, que constrange e regela o coração do ente mais arrojado, prostrando-o n'um medonho abysmo de profundas meditações; mais adiante, por entre as cruces vagam dispersos os valgalumes, deixando de quando em vez no clarear de suas azas, como pallidas fagulhas de uma lampada mortuaria, entrever os reconditos mais escuros, produzidos pelas sombras das tumbas; e a lua, unica companheira do silencio, essa guia divina da noite, rodeada de brilhantes celestes, lá dos páramos azues, muda e quêda, contemplando a natureza e a humanidade adormecida, véla por Simeão e Alzira, que, gelados de orvalho, dormem profundamente ante a solidão de um cemiterio!

IBRANTINA DE OLIVEIRA.

Desterro.

(Continúa)

Flôres da mocidade

Á LADISLÁO LEITÃO

As flôres da mocidade
São bellas, são elegantes,
São meigas, são perfumantes,
São como as flôres do Prado!...
E são puras como as rosas,
Rubras como as alvoradas
De multicôres ornadas!...
As flôres da mocidade
São brilhantes, seductoras
Como o céu todo estrellado!...

E como o mar serenado.
Que vai a praia beijar...
São flôres celestias!
Sempre, sempre a desluzir!...
— São como as aguas do monte
Que correm... não voltam mais!...

TIMOTHEO MAIA.

Desterro—86.

(Dos Cantos Matinaes)

O naufragio do «tio Apa»

I

O céu estava limpido e claro; o mar, este leito de prata, parecia oscular as praias, aonde mansinho atirava as suas pequenas e espumantes ondas. O confortavel e fresco ar das virações marinhas agitava de vez em quando dos mastros o galhardete azul.

Um silencio profundo reinava nos corações d'aquelles passageiros; uns meditando, sentindo em si uma alegria enorme, pareciam no momento da chegada, transpondo os umbraes do lar paterno, estar abraçando a querida familia; outros ansiosamente esperando o momento de tornar a ver o querido berço natal, que ha tantos annos deixáram, aonde passáram a sua infancia tão casta e pura, os primeiros annos de sua mocidade, que como os dias voaram tão depressa, a sua querida Mãe, unico thesouro que possuíam na vida, este ente que lhes dêra o ser, que lhes faz n'aquelle momento surgir mais uma aurora de vida e esperanças!

Depois, n'aquelle immenso campo do oceano, já não corria aquella mesma aragem, parecia faltar o ar para respirar! O céu começou a cobrir-se de traços côr de fogo e espessas camadas de nuvens escuras; as gaiivotas, como aterrorisadas, fugiam pelo espaço a fóra, soltando gritos agudos e penetrantes!

Na tolda passeiava um homem, que conhecendo o tufão a desencandear-se, examinava inquietamente o horisonte; enquanto os da marinagem, que comprehendêram os signaes que se apresentavam no espaço, debruçados á borda deste fragil batél que em breve o tufão despedaçaria, conversavam baixinho, espraçando pelas costas, e pelo espaço, olhares de desconfiança, como quem lia no livro do destino o ultimo momento de sua vida! N'este instante, uma tremula voz se fez ouvir, ordenando a manobra do navio, para se pôr em marcha, em marcha para o largo!...

Traços de fogo rasgavam o espaço, acompanhados do ribombo dos trovões, que pareciam desafiar o navio para uma lucta titanica, lucta de sangue, da vida pela morte! Tudo escurecêra, apenas illuminava o espaço o clarão de um fuzil que rapidamente partia d'entre as nuvens! Impellidos pelo vento que assoviando nas cordas formava uma triste e funerea orchestra, levantavão-se grandes vagalhões que, erguendo-se bem alto, pareciam gigantescos leões que ameaçando engulir nas profundezas de suas guellas aquella embarcação, cahiam no tombadilho fazendo

um ruido atterrador, do despedaçar de taboas, do rebentar de ferros!

O navio n'aquelle immenso oceano, lutando só contra tantos inimigos; o vento, as ondas e finalmente a morte que acompanhava tantos entes nas profundezas d'aquelle oceano, sentia-se fraco para luctar; erguido á uma altura incomparavel cahia quasi despedaçado!

A agua invadia o tombadilho. Mas ali, que horror!...

Deus! Si tu governas o mundo, *este nada*, aonde é que se perdem os teus olhares, aonde está a tua caridade!?

Espraia os teus olhares por este oceano, e ouve que te chamam! Ali, aquella mulher que, desgrenhada, quasi louca, corre da morte, corre do abysmo que em baixo de seus pés se cava... uns gritando por sua mãe, que, desmaiada, está a exhalar o ultimo suspiro... aqui um pai, que, tendo nos braços o filho querido, o ente por quem vive, lamenta, regando com lagrimas aquella craneo innocente, a sorte que lhe legára o destino!...

— Não se importa morrer, mas sim o ver um filho morrer nas profundezas do oceano?!

Suspira e cabe, dizendo no momento d'agonia, no momento do desespero:—Não ha Deus!...

Uns choram, outros soltam gritos, que se perdem n'aquelle deserto, como no espaço o queixume de uma ave!

Ouve-se um grito, um grito de terror ao cahir dos mastros, ao rebentar das cordas!

E pouco a pouco vai desaparecendo o navio nas profundezas d'aquelle abysmo!

Quantos corpos ao mar! uns, com vida, ainda luctam contra as ondas, tendo os labios feridos e o craneo despedaçado!

Depois, cadaveres só! Mas ali! oh! destino, destino fatal! O cadaver de um pai, tendo nos braços o filho querido, o filho sem vida!

Oh! Deus, para que creastes aquelles entes?! Para hoje, sem dó, sem caridade e sem compaixão, roubar-lhes tão cruelmente a vida, dando-lhes por leito as aguas do oceano!!

« Ah! quantos sonhos desfeitos, quantas esperanças perdidas, n'aquelle pélago profundo! »

BRIGIDO PEIXOTO.

Desterro, Julho—88.

Lobo da Costa

(Transcripto da « Reforma » de Porto-Alegre, de 23 de Junho ultimo.)

LOBO DA COSTA.— Da « Patria », de Pelotas, extrahimos as seguintes linhas, consagradas á morte do distincto poeta rio-grandense Lobo da Costa, finado aos 33 annos de idade, n'aquelle cidade, a 19 do corrente:

« Uma noticia contristadora e lugubre veio hoje á tarde surprehender-nos dolorosamente, enchendo-nos o coração da mais intensa magua: a da morte do poeta Lobo da Costa, ao frio, ao re-

lento, n'um descampado e no mais miseravel dos abandonos. Lobo da Costa, o mavioso bardo pelotense, o poeta inspirado e fecundo, que promptamente derramou as scintillações do seu estro em paginas coloridas de magico esplendor, amanheceu hoje morto n'um vallo existente nas proximidades da Santa Cruz!

« E' duro de dizer-se:

« Morto por congelação, resultante do intenso frio que reinou durante a noite passada, em que, para cumulo das desgraças do malogrado moço, chovia a cantaros, motivo pelo qual foi o seu cadaver encontrado completamente encharcado!

« Quando supporiamos nós que ainda um dia nos viriam dizer que na civilizada cidade de Pelotas, n'um centro populoso onde a caridade é largamente exercida e onde os europeis da riqueza tantas vezes têm servido de capa a muita miseria moral, se deixar morrer á mingua de recursos, de frio, inhumanamente desamparado, um peregrino vate, um dos mais illustres filhos d'esta terra, digno pelos seus talentos, pelas suas obras e pelas suas infelicidades!

« Sentimo-nos verdadeiramente compungidos ante o fatal successo e damo-nos os pesames á nós mesmos por se ter passado a nossos olhos e ao alcance das nossas previsões mais esta calamidade nacional, mais esta calamidade para a nossa litteratura.

« O cadaver de Lobo da Costa achase recolhido ao necroterio da Santa Casa e será amanhã dado a sepultura.»

— « As ceremonias de encomendação e enterro tiveram lugar a 20, promovidas pelos Srs. Thomaz Francisco da Costa, primo do finado, A. Toscano e Arthur Cardoso, membros das redacções do «Correio Mercantil» e «Diario de Pelotas».

« Sobre o caixão foi collocada uma corôa de violetas com a inscripção— A imprensa a Lobo da Costa.

« O Sr. Amaro Torres recitou na igreja uma inspirada poesia. »

Sirva isto de exemplo á nossa provincia, para que não deixe morrer na miseria seus filhos que, pelos seus merecimentos e intelligencia, fazem a sua corôa de gloria, assim como á provincia do Rio Grande, que, pela noticia acima, vê-se claramente que deixou morrer ao frio, e talvez tambem á fome um dos filhos que fazia parte da grinalda que encima-lhe a frente de provincia heroica! Tanto oiro finalmente para bajular-se o opulento, e tanta miseria para aquelles que merecem a protecção; e na morte só grinaldas e poesias, e... são estas as cousas deste mundo: bajula-se o cadaver quando de mais nada precisa!

Pelo «Crepusculo»

I

Cumpre-nos, desde o momento em que nos sejam atiradas algumas allusões parvas, repellil-as com energia.

Embora, sabindo do programma que nos propuzemos, desejamos provar que nem tudo quanto se escreve, tudo quanto se lança nas columnas de um jornal, deve ter acceitação ante o moralismo social.

A inveja é mãe de todos os despeitos que reinam entre individuos nobres...

Diz-se que um homem é escriptor quando este sabe encarar, intellectualmente falando, o combate por tudo que é justo, razoavel e util ao progredimento do paiz; mas não se chama escriptor a qualquer pechisbeque que ainda ignora muitos conhecimentos uteis ás expansões de suas idéas.

Ser escriptor é saber manejar com toda a expontaneidade de alma, com toda a maguanimidade do sentimento, a penna, aonde encerram-se os bonitos e bem empregados phraseados.

Mas, infelizmente, hoje considera-se escriptor a qualquer ente que escreve n'um jornal.

Dirão, sem duvida, os leitores que eu, por exemplo, estou n'estes casos.

Mas cumpre-me dizer-lhes que ha uma differença entre mim e o dito escriptor: é que eu sei que, para sel-o, ainda preciso aprender muito; talvez para o futuro quiçá eu possa ser um bom escriptor; agora sou considerado, em relação a um completo escriptor, como um grão de arêa ante uma rocha colossal.

Tenho, graças ao meu humilde entendimento, a felicidade de conhecer-me.

Quando vou escrever, trato de procurar theses que me sejam facéis de desempenhar-as, não procuro assumptos que nem eu, nem muitos escriptores, podem analysal-os.

E' preciso ser-se pequeno para depois crescer-se. é mister aprender-se para depois apparecer-se...

Feliz de quem tem a ventura de nascer ávido de inspirações radiantes e fecundas!

Quando se qualifica uma pessoa de ignorante, deve-se indagar se ella não frequentou alguma escola ou si não teve estudos particulares; porque do contrario é mais ignorante quem ousa chamal-a, tendo ella o talento lapidado.

Não é folheando as luminosas paginas do Aulet, que chega-se ao ponto de merecer-se o nome de verdadeiro escriptor; sim, porque folheando-as e empregando palavras chics que aparentemente tornam-se cabaes ao assumpto de que se trata, mas que analysadas não passam de bandos de asneiras empregados n'um artigo qualquer que enche as columnas d'um jornal.

Ha muita gente que sabe lêr, mas que não sabe lêr...

Vale mais um ignorante modesto, humilde e sincero, do que um escriptor pedante, soberbo e insolente.

SABBAS COSTA.

Desterro, 12—Julho—88.

Logogripho

(POR LETTRAS)

Minha primeira isolada
No alphabeto hão de encontrar,
A primeira com segunda
Em certo jogo hão de achar.

Primeira, segunda e terciã
Andam sempre pelo ar;
Prima, dois, terceira e quarta
Livre-nos Deus de o pilbar.

Prima, dois, terceira e quarta
E cinco, para acabar,
Uma planta, meus leitores,
Vêm com certeza mostrar.

K. P. LINHO.

A decifração do logogripho do numero antecedente é—*Mahomet*.—

Logogripho

DEDICADO A' EXIMIA LOGOGRIPISTA LEOPOLDINA DE MIRANDA

Casei-me com esta menina—19, 20, 23, 18, 6, 21
Dois annos depois morreu ...
Casei-me de novo com esta—7, 3, 8, 6, 9
Tres annos depois falleceu...
Procurei então esta «donzella»—18, 17, 2, 13, 15, 22
Que deu commigo na cova...
Então com este cidadão—23, 18, 15, 10
Ella de novo casou-se...
Porém este que era seu amigo—4, 12, 23, 22, 6, 13, 15
Que não podia fallar—11, 12, 14, 2
Por aceno então lhe disse...
Que elle não era Catholico «fugisse»—15, 16, 17, 2

CONCEITO

O todo deste conceito
Acompanhando primor,
E' um vulto importante...
Do Imperio senador.

AZARB

NOTICIARIO

AINDA O NOSSO ORGAM

Ora muito bem. Estamos convictos que o nosso noticiario do numero passado, sob a epigraphe—O nosso orgam—produzio algum effeito.

Quando démos á luz da publicidade o «Crepusculo», não sonhámos nunca offerecer-se occasião em que fôssemos forçados a exercitar meios energicos para discutir com algum collega.

O terreno modesto que occupamos é-nos muito honroso e concorre muito para que tenhamos uma existencia longa.

Si fosse o «Crepusculo» um organo de posição baixa, não teríamos certamente o prazer de collocar em suas humildes columnas artigos de pessoas sinceras e que tambem coadjuvam ao collega que nos disse: «não descere-mos da nossa posição para tentar oppôr diques a torrentes de ignorancia».

Verdade é que quando uma pessoa não possui razão e quer forçosamente ser vencedora em questões por ella mesma provocadas, trata de mostrar aos leitores todos os seus «elementos moraes, passando assim, apparente-mente, por uma pessoa de sabedoria «respeitavel».

Attribuiríamos a palavra —ignorante— a entes cuja intellectualidade carece ser lapidada ou polida, mas aos colaboradores do nosso organo, aliás pessoas de talento bello e fulgurante, qualificaríamos de conscienciosos.

O «Crepusculo», como sabem, tem colaboradores, não tem redactor proprio; portanto, no nosso parecer, entendemos que qualquer dito injusto que lhe seja applicado, recabe nos seus colaboradores.

Não é só escrever; devemos, quando temos a pena na mão, antes de «rabis-car» qualquer pedaço de papel, meditar no que vamos tirar do nosso pensamento, para não cahirmos muitas vezes nas impossibilidades da idéa.

O caminho em que vamos é-nos franco, é n'elle que devemos adquirir a boa acceitação do povo consciencioso, é d'elle que devemos esperar que nos eleve, nos honre.

Para dizermos que somos dignos não nos fica este procedimento muito correcto, porque seríamos nós mesmos que nos elevariamos; fica portanto mais bonito recebermos elogios.

Havemos prosperar vantajosamente, quer no formato, quer no numero de colaboradores que nos honram com seus escriptos.

Si a nossa elevação depende da appareição dos nomes dos nossos colaboradores, havemos collocar-os n'um pequeno quadro, quando augmentarmos, nos principios ou fins de Setembro, o formato do jornal, si continuarmos a merecer a coadjuvação d'este grupo de pessoas de bom caracter, que, sem duvida, estamos certos, nol-a dispensarão, por não acharem em nós um indicio de «pasquim».

A justiça nos será dispensada pelos dignos leitores, que até hoje nos tem achado capazes de penetrarmos nas salas de respeito de suas habitações.

Havemos, pois, avançar, prosperar com bastante vantagem, para chegarmos ás nossas aspirações.

Partio no dia 12 do corrente para a corte o Illm. Sr. João Monteiro Cabral, moço de bons predicados e bastante delicado, que aqui chegou da Laguna

no paquete «Humaytá», no dia 9 do corrente.

Diz o nosso correspondente na Laguna «que o distinctissimo lagunense João Monteiro Cabral foi alvo de algumas manifestações de apreço, sendo a ultima um sumptuoso baile no theatro, havendo por essa occasião diversos brindes: fallaram os Srs. Dr. João Cal-deira d'Alvarenga Messeder, Manoel Barreiros, redactor do «Dez de Março» e Carlos de Faria. O Sr. Cabral agradeceu em phrases eloquentes.»

Desejamos que S. S. tenha uma optima viagem.

11 DE JULHO

Esta triste data lembra-nos o dia em que o paquete «Rio Apa» naufragou lá nas plagas do Sul.

Foi em Julho do anno passado que o vapor submergiu no enorme atlantico, sepultando muitos infelizes no aprofundante abysmo do oceano.

Ventos fortissimos e immensas ondas impediam o caminhar do «Apa».

Forçado pois por estes dois monstros que reinam nos oceanos, o vapor naufragou; acontecimento este que ainda hoje, ao recordarmo-nos, causa-nos um profundo sentimento.

CONSORCIO

Sabbado, 7 do corrente, uniram-se pelos respeitaveis laços do Hymineo o Sr. José Candido de Souza Vieira e a Exma. Sra. D. Luiza Refugio da Silva Vieira.

Cordialmente enviando as nossas felicitações, desejamos a esse novo par uma vida cheia de risos e satisfeita, feliz e venturosa.

No dia 10 do corrente, tomou posse do cargo de promotor publico d'esta capital o Sr. Dr. Mario de Amorim.

SAUDAÇÃO

Saudamos o nosso distincto amigo Manoel Francisco Paim Junior, pelas 25 rissonhas primaveras, desejando-lhe uma vida cheia de felicidades.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

O n. 31, anno III, do lindo «Corymbo», do Rio Grande, que pela segunda vez dignou-se visitar-nos.

O «Corymbo» é de propriedade e redacção da conhecida escriptora riograndense D. Revocata Heloisa de Mello.

O ultimo que temos sobre a modesta mesa de trabalho, enche-a de luz, irradia-se como se fosse a luz do sol que por sobre ella estivesse batendo.

E' um jornal bem escripto e digno de ser lido, pois que é bastante sincero. Publica-se mensalmente.

— O n. 20, anno III, do «Arauto Parahybano».

E' um organo honesto e criterioso; seus artigos mostram grande utilidade. Publica-se semanalmente.

O «Arauto» é organo litterario, de-ticioso e evolucionista.

— A «Folha de Minas», valente organo da cidade de Cataguazes, em Minas Geraes.

Esta é a segunda visita que o collega nos faz.

Como sempre, ligamos magna importancia aos seus preciosos artigos por que são muito bem elaborados.

— Como sempre, continuamos a ser honrados com a visita da «Gazeta de Campinas», cuja redacção e propriedade são do scientifico, litterato e poeta Carlos Ferreira.

A «Gazeta» é um jornal muito util.

S. D. P. FILHOS DE THALMA

Na noite de sexta-feira, 13 do corrente realison esta sympathica sociedade um espectáculo no seu bello theatrinho á rua de João Pinto, em homenagem á abolição do Imperio e dedicado ao grupo abolicionista d'esta capital.

Antes de começar o espectáculo foi tocado o hymno nacional pela orchestra.

A pedido de muitos socios, foi outra vez representado o bello drama—O reconhecimento do Conde de Artoff—, que foi bem desempenhado pelos caprichosos amadores.

Apóz este drama, seguiram-se as duas lindas scenas comicas — As bananas do meu amigo — e — O Fadinho do Phantasma branco—.

Saudamos a essa phalange de moços que têm adquirido muitas prosperidades no palco.

ERRATA

No primeiro numero dos —Contos originaes—, onde se lê «e impossivel conter-se», lêa-se: — foi impossivel conter-se.